Revista da ABCC Associação Brasileira de Criadores de Camarão Edição Digital

ISSN 1982-4823

ANO XXIII N°1 JANEIRO DE 2021

Industrialização: A Alternativa para Interiorizar e Aumentar o Consumo de Camarão Cultivado pelo Brasil

COMPESCAL - ARACATI - CE

CADASTRE-SE

ABCCAM.COM.BR

CARCINICULTURA MARINHA:
UM MAR DE OPORTUNIDADES E POSSIBILIDADES SOCIOECONÔMICAS, QUE DE FORMA EQUIVOCADA, O BRASIL TEM NEGLIGENCIADO.

Itamar Paiva Rocha,
Engº de Pesca, CREA 7226-D/PE
(1ª Turma do Brasil – 1974)

Antes de nos atermos ao mérito do presente artigo, vimos chamar a atenção e trazer ao conhecimento dos nobres leitores, as relevantes informações advindas da "Revisão de 2017, do Relatório da ONU: Perspectivas da População Mundial nos próximos 30 anos", a qual prevê que a população mundial atingirá "10 Bilhões de Habitantes, até 2050", ressaltando que se fará necessário um aumento de 50% dos volumes atuais da produção de grãos e, de 100%, na produção e oferta de proteína animal, que por si só, diante das suas vastas potencialidades naturais, descortinam um mar de oportunidades para o Brasil.

Notadamente, quando se tem presente os recentes dados divulgados pela NASA, que ressaltaram o expressivo potencial brasileiro - 400 milhões de hectares de áreas agricultáveis - excluídas a **"Amazônia e as Áreas de APPs e de APAs"**, ou seja, o Brasil possui mais terras produtivas do que os EUA e a Rússia juntos, com um detalhe, mesmo utilizando atualmente, pouco mais de 15,5 % (63 milhões de hectares), o país já alimenta 25% (2 bilhões de pessoas) da atual população mundial.

Daí a origem da cobiça das grandes e dependentes nações, que continuamente, utilizam de todos os meios para colocarem em cheque a nossa atual e crescente pujança e soberania na exploração e produção agropecuária.

Nesse mesmo contexto, quando se leva em conta que a China, maior produtora e exportadora mundial de pescado, já ocupa a 3ª posição entre os maiores importadores desse setor, cujo apetite e a crescente capacidade financeira, contribuíram para elevar seu consumo médio per capita de pescado, de 10 kg em 1980 para 45 kg em 2019, com metas de atingir 60 kg até 2030.

Dessa forma, quando se considera que apenas para atender a demanda da China, se fará necessário um volume adicional de 20 milhões de toneladas de pescado / ano, afora o fato de que tanto os EUA, União Europeia como o Japão, serão sempre importadores natos de pescado, não restam dúvidas de que é chegada a hora para o Brasil priorizar a exploração dos seus vastos e variados recursos pesqueiros.

Na verdade, quando se faz uma análise comparativa da participação do Brasil nas exportações mundiais de proteínas animais, incluindo carnes brancas e vermelhas, cujo valor total foi de US$ 48 bilhões/2020, observa-se que o Brasil contribuíu com 36% (US$ 17,2 bilhões). Já em relação ao pescado, cujas exportações mundiais atingiram o expressivo valor de US$ 160 bilhões, a participação brasileira (US$ 260,2 milhões) representou apenas 0,16 %, do total mundial em 2020, tornando-se muito claro os equívocos da política pesqueira brasileira, notadamente quando se tem presente que tanto o farelo de soja como o EDG do milho, incorporados nas rações aquícolas poderiam receber um up grade nos seus atuais preços de exportações de 200 à 300%. **(Figuras 01 e 02).**

Em realidade, essa discrepância entre as participações do Brasil, nas exportações mundiais das carnes e de pescado, demonstra claramente a forma equivocada como as políticas públicas de incentivo ao setor aquícola e pesqueiro vem sendo tratada, primeiro, desconsiderando as vantagens competitiva do Brasil, em termos de condições naturais e de infraestruturas, afora a tradição de consumo de pescado herdada de Portugal (60 kg per capita / ano) e, segundo, o fato de que a exploração da aquicultura estuarina (tainha, camurim, carapeba e camarão) no Nordeste Brasileiro, remonta da ocupação holandesa, na 1ª metade do Século XVII.

Isso, sem mencionar que o Brasil, conta com espécies aquícolas e condições edafo climáticas excepcionais e uma localização geográfica privilegiada em relação a EUA e UE, principais importadores mundiais de pescado, afora o fato de que pesquisadores brasileiros, na década de 1920, à luz de lamparina, no açude Bodocongó em Campina Grande – PB, desenvolveram a tecnologia da reprodução induzida, via hipofisação, que revolucionou a aquicultura mundial e só foi apresentada ao mundo num evento de ictiologia, realizado em Leningrado - Rússia, em 1935.

Por outro lado, a exploração pesqueira oceânica dos recursos demersais de profundidade, notadamente, dos atuns e afins, se constitui uma alternativa e uma real oportunidade, aliás de grande relevância para a ocupação da região oceânica da Costa do Atlântico Sul, especialmente das espécies migratórias e renováveis, cujo valor movimentado anualmente na sua base produtiva (500.000 t é da ordem de US$ 4 bilhões), com redobrado interesse tanto pelo Japão, União Europeia, como pelos EUA.

Da mesma forma, para se compreender melhor a dimensão das alentadoras possibilidades econômicas que a carcinicultura marinha pode proporcionar ao Brasil, basta comparar a presente situação brasileira, com o atual desempenho da carcinicultura do Equador (256.000 km2 e 600 km de costa), cuja exploração de 250.000 ha de viveiros, contribuiu para uma produção de 736.000 t e exportações de 677.787 t / US$ 3,6 bilhões de camarão cultivado, enquanto o Brasil explorou 30.000 há, de um total de 2.000.000 de hectares (1,5 %), tendo produzido apenas 120.000 t em 2020.

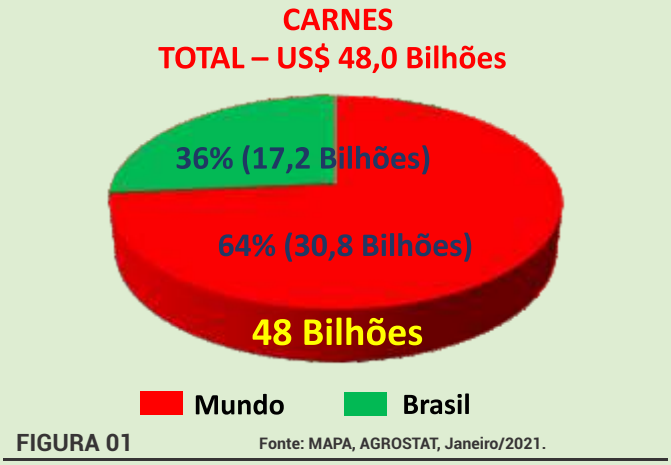

FIGURA 01 Fonte: MAPA, AGROSTAT, Janeiro/2021.

FIGURA 02 Fonte: MAPA, AGROSTAT, Janeiro/2021.

Figuras 01 e 02: Participação do Brasil nas Exportações Mundiais de Carne e Pescado em 2020.

No entanto, consideramos de fundamental importância, apresentar informações niveladoras sobre o desenvolvimento do setor carcinicultor brasileiro, tanto no tocante ao desempenho da produção de camarão marinho cultivado, num passado recente, por exemplo, entre 1997 (3.600 t) e 2003 (90.190 t), cujo crescimento foi de 2.405,3 %, bem como, com relação às suas exportações, cujo expressivo crescimento: 400 t / 1998 para 58.455 t / 2003 representou um incremento de 14.513,8%, em 5 anos **(Figuras 03 e 04).**

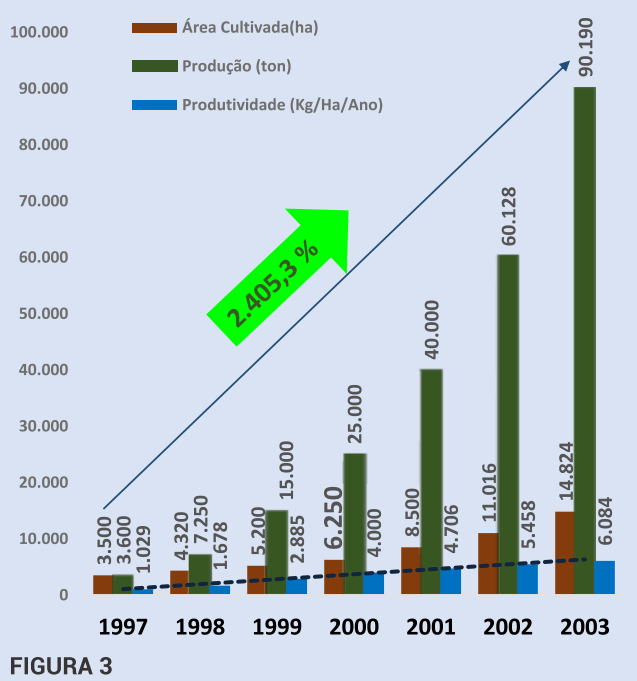

FIGURA 3

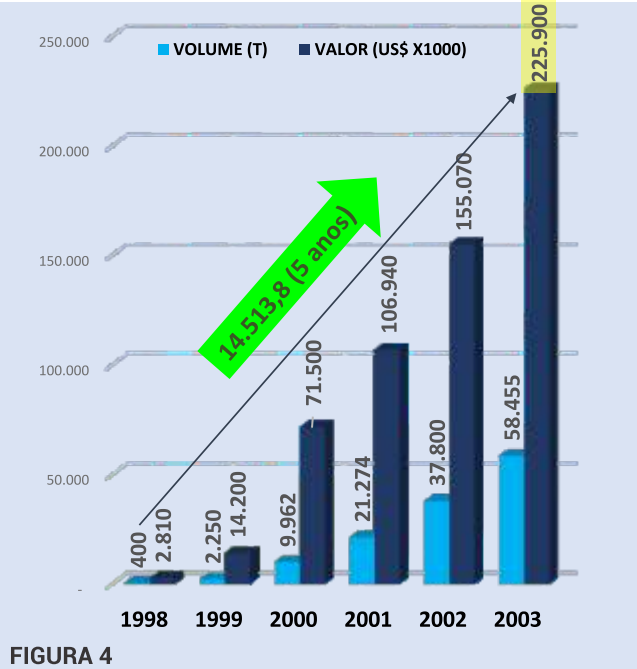

FIGURA 4

Figuras 03 e 04: Evolução, declínio e recuperação da produção e exportação de camarão de cultivo Brasileiro. Fonte: ABCC, janeiro/2021

Evidentemente que não pode ser desconsiderado o fato de que, embora entre 2003 (90.190 t) à 2019 (90.000 t), a produção setorial só fez patinar, com 0,0% de crescimento, quando se considera que o fundo do poço se deu em 2016 (60.000 t), sequenciando à chegada da "mancha branca" no Ceará e, à partir de 2017 (65.000 t) teve início uma expressiva recuperação da produção setorial, tendo como ápice, a produção de 120.000 t em 2020, quando em plena pandemia e sem apoios financeiros específicos ou exportações, coroou-se um aumento de 100% em 4 anos (**Figura 05**).

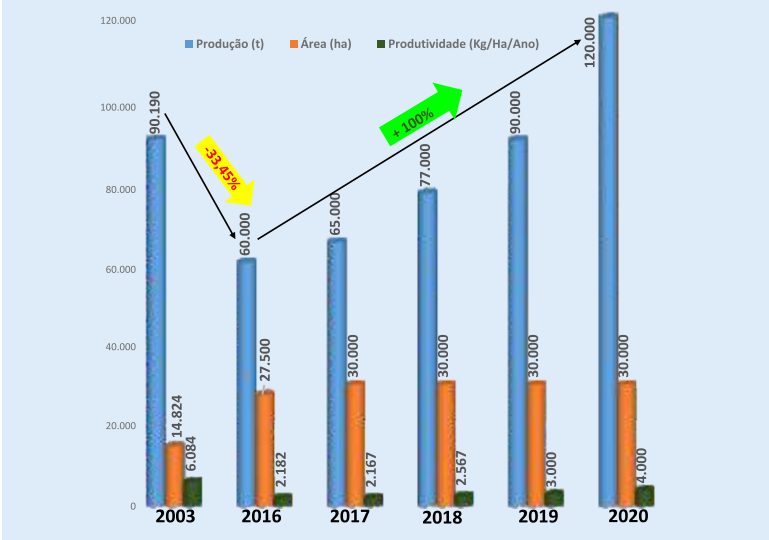

Figura 05: Recuperação do Crescimento da Produção (2016-2020)

Por outro lado, o mesmo desempenho não se verificou com as exportações, que despencaram de 58.455 t / US$ 225.9 milhões em 2003, para 82,4 t / US$ 342,3 mil em 2020, não acompanhando o desempenho da produção, uma vez que as exportações de 2016 (514 t), que já haviam sido pífias, decaíram (-84%) para 82,4 t em 2020). **(Figura 06)**.

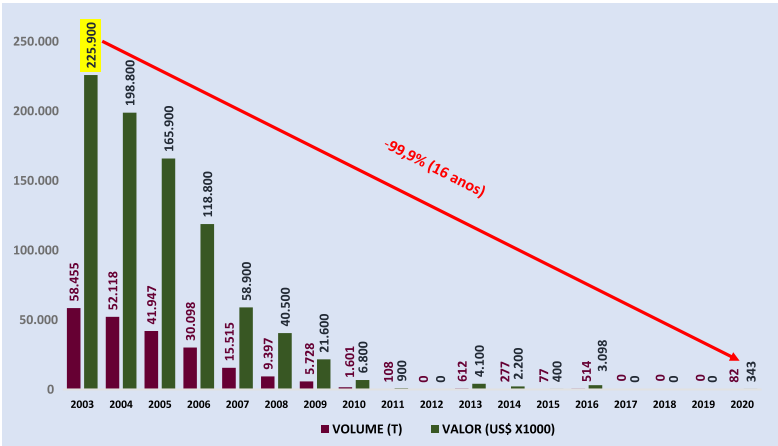

Figura 06: Declínio nas Exportações (2003 - 2020)

Nesse sentido, quando se considera que nos últimos 16 anos, mesmo com a perda de 34,25 % na sua produtividade, a carcinicultura marinha brasileira dobrou o número de produtores e a área de viveiros explorada, incorporando um destacado grupo de micros e pequenos produtores, cuja produtividade média já se situa entre 12.000 - 15.000 kg/ha/ano, não há dúvidas que se disponibilizados os apoios financeiros prometidos pelo Governo Federal, através do BNB e da Caixa Econômica Federal, juntamente com as licenças ambientais, por parte dos Estados, em poucos anos, o país voltará a se destacar no cenário internacional, tanto em termos de produção como das exportações setorial.

Ao mesmo tempo, é importante destacar, que o camarão marinho cultivado do Brasil, teve sempre como base a adoção de Códigos de Condutas, Boas Práticas de Manejo e Medidas de Biossegurança, que desde seus primórdios, nortearam o seu desenvolvimento sustentável, em termos de compromisso social, respeito ao meio ambiente e qualidade sensorial dos produtos processados e comercializados.

Foi exatamente esse diferencial que concedeu um destaque especial ao produto brasileiro, razão pela qual, ocupou o 1º lugar das importações de camarões pequenos médios dos EUA em 2003, o 1º lugar das importações de camarão tropical da União Europeia em 2004, com especial destaque para as importações da França (101.049 t), o mercado importador de camarão mais exigente, em termos de qualidade, cuja participação do camarão brasileiro foi de 28%, seguido de Madagascar (14%), Equador (8%), Indonésia e Índia (5%) **(Figura 07)**.

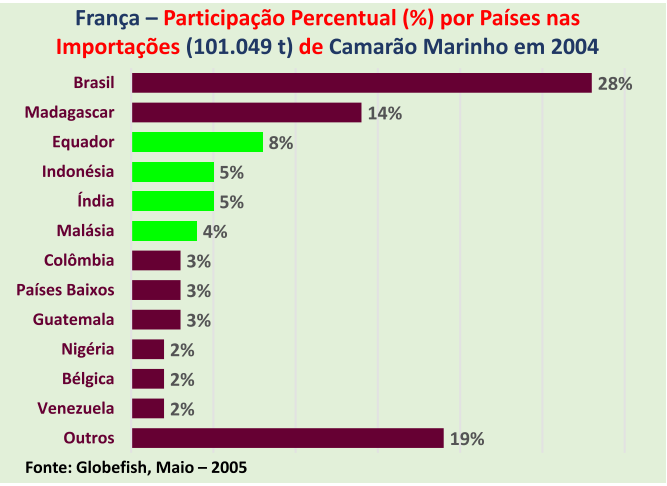

Figura 07: França - Participação Percentual (%) por Países nas Importações de Camarão Marinho em 2004.

De forma que, como já está muito claro, qualquer incremento na produção mundial de pescado deverá advir das explorações da aquicultura: em águas doces / oligo e mesohalinas, estuarinas ou marinhas, surge aí um outro grande diferencial competitivo do Brasil, pois com uma população de 210 milhões de habitantes, afora seu imenso mar territorial e vastas áreas estuarinas, o país possui um volume de água doce renovável da ordem de 8 trilhões de km3, superior ao de todo o Continente Asiático, que já conta com 4 bilhões de habitantes.

Além do que, no espaço territorial brasileiro, estão situados os dois maiores aquíferos de água doce do Planeta Terra: (1) Aquífero Guarani, maior parte localizado no Brasil e, (2) Aquífero Amazônico, maior do mundo e 100% brasileiro, cuja volume de água doce represada tem a capacidade de suprir o consumo atual de água doce de todo o Planeta Terra, durante 250 anos.

Portanto, o que falta ao Brasil, para a exploração competitiva das suas potencialidades aquícolas, é um real Interesse Político e um olhar Profissional na Priorização de Ações, que precisam levar em conta, o bem estar coletivo e uma visão holística das oportunidades que claramente se descortinam para o país, considerando de um lado, que os maiores importadores mundiais de pescado (EUA, Japão, Europa e China) serão sempre dependentes das importações para atender suas crescentes demandas e, de outro lado, que o maior produtor e exportador mundial desse setor, a China, nos últimos 40 anos, vem se destacando como grande importadora, cujo apetite por pescado, acompanhou o seu crescimento econômico: passando de 10 kg per capita (1980) para 45 kg per capita (2020), com metas de atingir 60 kg per capita em 2030.

Nesse contexto, consideramos importante destacar que o **Estudo: Matriz de Priorização – Ponderação Quantitativa, realizado pela FGV-Fundação Getúlio Vargas e o Grupo Monitor para a SUDENE / Ministério do Interior, em 2002, identificou a Carcinicultura como a Atividade Primária do Nordeste, com a maior capacidade de promover Impactos dos Resultados, no tocante à: gerar emprego, gerar renda; aumentar exportações, atrair outras empresas, atrair investimentos, servir de modelos para outros clusters, incluindo o Nível de Comprometimento, no tocante à: Ação; Aprendizagem, Cooperação e Desejo Político. (Figura 8)** .

No entanto, passados 18 anos, mesmo depois de ocupar lugar de destaque no cenário nacional e internacional em 2003, o setor carcinicultor brasileiro, líder mundial de produtividade em 2003, patinou na produção e derrapou vertiginosamente nas exportações, entre 2004-2019, enquanto países como Índia, Vietnã e Equador, por exemplos, assumiram posições de destaques, tanto na produção, como nas exportações mundiais de camarão marinho cultivado.

Assim, quando se tem presente que o Brasil, ocupa a posição de maior potência em recursos naturais, onde apenas o Estado do Piauí, uma das regiões mais secas do país, possuí mais água subterrânea do que todo o "Cinturão do Milho" americano, maior produtor mundial de milho e, se associa ao fato de que os produtores rurais brasileiros, já se destacam como campeões "da porteira para dentro", se descortinam infinitas oportunidades para a exploração e desenvolvimento da aquicultura brasileira.

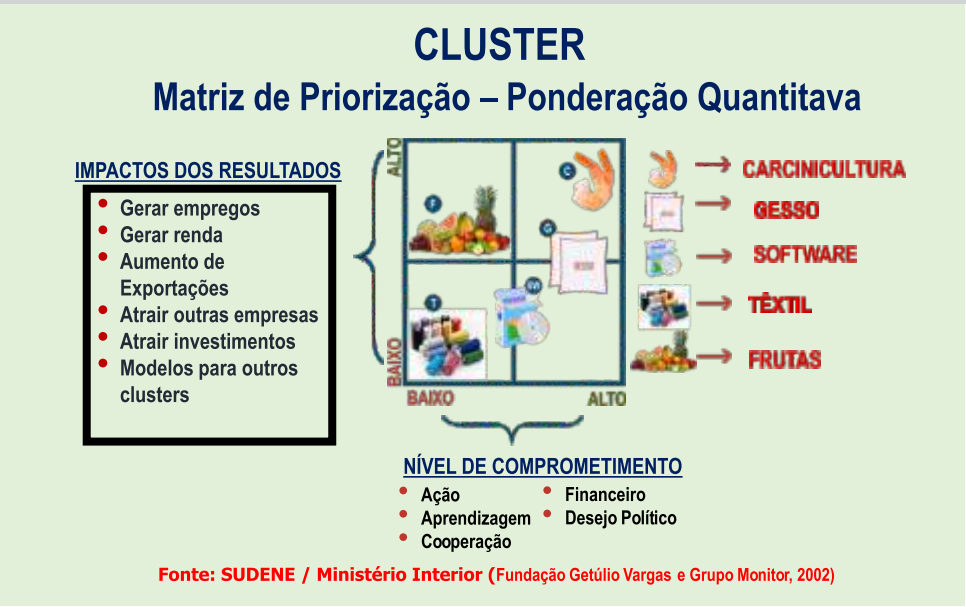

Figura 08: Matriz de *Priorização* - Ponderação Quantitativa.

Notadamente, quando se tem presente que o Continente Europeu subsidia sua produção rural com o equivalente a 26% do seu PIB, enquanto nos EUA, esse mesmo subsídio corresponde a 12% do seu PIB, o que na análise precedente, se constituem posições insustentáveis a médio e longo prazos, como pode ser corroborado pela realidade da idade média do produtor rural americano, de 60 anos e do europeu, de 70 anos, pelo simples fato de que seus descendentes, conscientes que o atual modelo de exploração rural não conseguirá viabilidade nas próximas gerações, vem abandonando o campo.

Enquanto no Brasil, a média de idade dos produtores rurais é de 40 anos, que mesmo assim, vem investindo em tecnologia de gestão da produção, para tornar o seu agronegócio mais atrativo e competitivo, de forma que a despeito de todos os problemas de infraestrutura, que atingem desde o armazenamento até o transporte, o país já ocupa a liderança mundial em volume líquido de exportações, de produtos como: açúcar, café, proteína animal, tabaco, soja, laranja, etanol, etc., e, a despeito da Covid-19, o setor continuou crescendo e puxando o PIB brasileiro para cima.

Nesse contexto, o desafio brasileiro na presente década, será sem dúvida, desenvolver o setor aquícola e carcinícola, dando um up grade nas exportações das matérias primas: farelo de soja e DDG do milho, estabelecendo uma "nova e pujante ordem econômica" no seu meio rural, proporcionando vida com dignidade, cujos produtos das explorações (peixes de água doce e camarões marinhos), em breve, serão um diferencial competitivo nas negociações das commodities agrícolas tradicionais do Brasil, tanto para os mercados da Europa, como dos USA, da China e do Japão.

A confirmação dessa assertiva, pode ser mais bem avaliada, quando se analisa os dados comparativos **do desempenho das exportações de todo o agronegócio de 13 Estados do Brasil (US$ 3.052.554.468,00), que juntos contam com uma área de 2.648.879.051 km2 e uma Linha de Costa de 2.979 km,** em comparação, apenas com **as exportações de camarão marinho cultivado do Equador (256.370 km2 e 600 km de costa), cujas exportações atingiram os expressivos números: 677.787,4 toneladas / US$ 3,611.870.630,00 em 2020!!!!! (Figura 09).**

BRASIL
13 Estados: 2.369.311 km²/ 2.979 km de costa

X

EQUADOR
256.370 km²
600 km de costa

Fonte: Agrostat, janeiro/2021.

Estados	Extensão Territorial (Km²)	Km de Costa	Valor (US$)
Piauí	251.577.738	66	573.480.240
Ceará	148.920	573	475.822.343
Pernambuco	98.149.119	187	416.398.899
Alagoas	27.848.140	229	401.570.361
Amazonas	1.559.146.876	-	345.391.850
Rio Grande do Norte	52.811.126	410	216.227.719
Roraima	224.300.506	-	183.715.377
Rio de Janeiro	43.780.172	636	148.451.284
Distrito Federal	5.779.999	-	96.448.504
Amapá	142.828.521	598	87.956.992
Paraíba	56.469.778	117	52.692.230
Sergipe	21.915.116	163	32.352.548
Acre	164.123.040	-	22.046.121
13 Estados Brasileiros	2.648.879.051	2.979	3.052.554.468
Equador (677.787,4 ton)	256.370	600	3.611.870.630

Figura 09: Equador x Brasil - Comparativo das exportações do agronegócio brasileiro de 13 Estados, com as exportações de camarão cultivado do Equador.

Diante do exposto, fica patente que para a superação desses desafios será de fundamental importância, a união de esforços por parte das lideranças setoriais, objetivando a viabilização junto as instâncias governamentais, estaduais e federais, de uma política proativa, que objetivamente, elimine os gargalos que hoje vem dificultando ou mesmo impedindo os licenciamentos ambientais e os respectivos acessos aos créditos disponibilizados pelos Agentes Financeiros Federais, bem como, pelos Fundos de Investimentos Internacionais, que embora amplamente disponíveis, da mesma forma, exigem Licenças Ambientais para a concessão de seus competitivos e atraentes financiamentos.

[1]Presidente da ABCC, Diretor do DEAGRO e Presidente da MCR Aquacultura.